

Águas Profundas

Meu nome é Kai Miller, tenho 19 anos e fui escolhido por Poseidon, o deus dos mares. No começo, apenas vivia tentando sobreviver em meio ao caos. Como minha mãe dizia, as águas sempre foi meu refúgio, assim como minha irmã mais velha, Mari. Mas, depois daquela tempestade, tudo mudou. A calmaria virou tormenta. A água já não me acolhia. Ela rugia por dentro de mim como se quisesse sair, se libertar, **destruir**. Não sei exatamente quando começou. Talvez tenha sido a profunda tristeza que senti pela perda... ou quando olhei para o mar e ele olhou de volta. Só sei que virei um dos escolhidos, mas é melhor começar do começo.

Aos meus cinco anos, fui diagnosticado com TEI. O famoso Transtorno Explosivo Intermitente ou, como minha irmã dizia para uma compreensão infantilizada naquela época, “uma bomba mental”. Claro que para mim, era só foi uma desculpa para não ser chamado de briguento, mas eu não conseguia evitar. Mesmo que eu quisesse parar, meu corpo se movia sozinho. Foi aí que começou a destruição da minha família. Um diagnóstico desses, para uma família com problemas financeiros, é como uma estaca no coração da minha mãe. Claro, uma mãe solteira com dois filhos, tentando dar conta de tudo. Com certeza, complicado. Mas graças ao esforço da minha irmã, tudo poderia mudar ou era o que ela sempre dizia, com apenas 13 anos.

Mariana Miller era a garota radiante que se destacava na praia de Santa Monica. Seu sorriso contagiante e a humildade, compartilhada com uma simpatia única, me trazia orgulho de ser seu irmão. Ela era a única que me acalmava, que me convencia a tomar os remédios e, claro, cuidava da nossa mãe enquanto trabalhava. Ela não ligava para a opinião dos outros. Simplesmente enfrentava tudo de cabeça erguida. Porém, oito anos atrás...

— Filha já conversamos sobre isso. Eu...

— Mãe, não me venha com essa agora. Olha o seu estado, de novo. Eu não posso ficar de braços cruzados.

— E você quer que eu faça o quê, minha filha? Eu... Não posso mais depender de você para sempre. Você tem sua vida. Entrar em uma faculdade, sair daqui e conhecer o mundo. Eu não posso deixar você viver assim. Olha o que você me faz passar. — Dizia minha mãe segurando uma garrafa de Whisky.

— Agora é minha culpa pela senhora voltar a beber? Mesmo depois do Kai, a senhora nunca esqueceu aquele canalha, e graças a isso voltou a beber. E agora, quando decido ficar aqui e cuidar do meu irmão, você...

PLAFF! O som de tapa ressoou na sala, acompanhado pelo ruído do trovão causado pela tempestade absurdamente forte, iluminando todo o local com seus raios. Meu corpo endureceu ao observar a cena pela abertura da porta do meu quarto. Novamente outra briga pesada entre minha mãe e minha irmã. Essas discussões se tornaram contínuas desde que minha mãe voltou a beber, tornando-se agressiva e indiferente a nós. Graças ao último namorado que a largou. Minha irmã estava decidida a me dar uma vida melhor, tirando a guarda da minha mãe e internando-a numa clínica de reabilitação, mas hoje...

— Há, há, há. Doeu o tapa, filha? Eu já disse que não deve falar comigo nesse tom. — Zombou minha mãe com risadas baixas, dando mais um gole da garrafa enquanto ia cambaleando, para o quarto. Minha irmã permaneceu parada, o rosto virado pelo tapa. Seus cabelos ondulados com mechas azuis cobriam parte do rosto, mas eu conseguia ver com clareza as lágrimas escorrendo.

— Mari? — Perguntei saindo lentamente do meu quarto, vendo o seu estado. — Ela nunca fez isso... Foi tudo minha culpa. Se eu...

— O que você está falando? Eu estou bem, viu? — Respondeu com um sorriso falso, enxugando as lágrimas. Mesmo com o seu rosto pálido, a marca avermelhada dada pelo tapa era visível.

— Irmã...

— Já te disse, você não tem culpa por ser quem é. Você é apenas diferente. E quero que esqueça tudo sobre hoje, ok? Afinal, hoje é o seu dia especial, não é? — Disse, me abraçando firmemente e entregando um pequeno presente. — Abra logo.

— Um colar? Que lindo. — Exclamei, encantado. Meus olhos brilhando com o pequeno colar de uma concha espiral.

— Para combinar comigo. As conchas são a conexão entre o mar e a nós. A concha espiral representa a sua futura jornada, que será grandiosa.

— E a sua?

— A minha é uma bivalve. Ela representa a prosperidade e a sorte de ter um irmão maravilhoso como você. Essas conchas são o sinal da nossa união. Kai, eu não vou deixar ninguém tirar isso de nós. Ninguém. — Disse, olhando para a chuva e se afastando. — Bem, a chuva diminuiu. Vou buscar o seu bolo.

— Mari... está chovendo muito. Não precisa.

— Kai 12 anos se faz uma vez. E eu preciso esfriar a cabeça. Relaxa. — Finalizou indo em direção a porta, mas não conseguia me livrar daquele aperto no peito.

— Mari, não vá. Por favor...

— Kai eu prometo que vou voltar. Vai ser rápido. Essa chuvinha não é de nada comparado ao bolo que vou trazer. — Me abraçou novamente antes de sair. Ainda lembro a última expressão do seu sorriso forçado. Eu já não era mais criança para não entender aquela máscara. Aquela tentativa forçada de esconder a dor só por minha causa. Por eu ser diferente. Eu... eu não podia deixar as coisas assim. Hesitei por um momento, observando o estado de minha mãe. Caída na cama, adormecida, a garrafa derramada, molhando o lado direito do colchão, o odor forte de álcool impregnando todo o ambiente.

— Mãe... — Um pequeno sussurro sobressai no impulso desconfortável com aquela cena. Comecei a ajeitá-la. Mesmo com tudo, ela ainda era minha mãe. A mulher que já havia me ajudado tanto antes de se perder. Mesmo se minha irmã decidir mesmo tirá-la da minha vida, eu não vou me separar e sim, ajudá-la.

Todavia, o tempo passou rapidamente, e me recobrei do meu verdadeiro foco: encontrar minha irmã. Ela precisa da minha ajuda. Eu podia ser apenas um bom menino e esperar, mas nesse estado, com a chuva e esse aperto em meu peito, não deve ser um bom sinal.

O som da chuva intensa dominava meus ouvidos. Cada gota pesada como um aviso. A água escorria pelo meu rosto, misturando-se com as lágrimas que nem percebi que caíam. A visão embaçada me obrigava a apertar os olhos, mas eu continuava pedalando, com as mãos trêmulas no guidão da bicicleta.

“Ela só foi buscar o bolo. Cinco quadras. Não era para demorar.” Pensei virando a esquina da última avenida. O coração disparando mais rápido a cada segundo. Então o mundo silenciou. Tudo pareceu congelar.

Luzes vermelhas piscando. Um carro atravessado na calçada. E do outro lado, diante da confeitaria ainda iluminada... A bicicleta caída, amassada, uma caixa destruída. E ela...

Minha irmã.

Soltei a bicicleta sem perceber. Minhas pernas começaram a falhar, mas corri, tropeçando na própria dor. O bolo... o bolo ainda estava no chão ao seu lado, esmagado. As velas tortas e sujas, misturadas ao doce com o amargo sangue que escorria, sendo lentamente lavadas pela chuva. Um detalhe único que rasgou algo dentro de mim.

Ela não se mexe?

— Não... não, não, não! — Sussurrei, caindo de joelhos ao lado do corpo. Toquei seu rosto. Gelado. O desespero aperta minha garganta, sufocando-me. A

tempestade rugia acima de mim, mas nada era mais alto que o som do meu grito. Se eu tivesse chegado antes, se eu tivesse insistido mais...

Foi naquela noite que tudo mudou em minha vida. A grande Mariana Miller. Minha adorável irmã de apenas 21 anos. A única que me entendia, Morta. E eu não pude fazer nada. Deixando apenas lembranças que pessoas imundas tiveram o prazer de estragar com o tempo.

Depois disso, tudo começou a desmoronar. Meus ataques pioraram. A lembrança da minha irmã se tornou um gatilho constante.

— E aí, Kai, sinto muito pela sua irmã. Que pena o mundo perder aquele corpão dela...

— Cala boca! — Grito, tomado pelo ódio enquanto recebo um soco no estômago. Não consigo revidar. Não pela dor, mas sim pelos meus braços estavam presos por outros babacas.

— Já faz quatro anos e ainda com essa raivinha? Com certeza deve ser um fudido de merda que nem a sua família. Sua irmã bem que podia ter esperado. Eu iria adorar pagar pelo seu antigo serviço.

— Vai se foder! — Consigo soltar um braço e socar o rosto dele. Meu surto começou novamente, mas logo fui contido por uma sequência de chutes e socos brutais. Até que a água rompeu em forma de um canhão, afastando os valentões. Como se viesse me proteger... ou me vingar.

— Isso é uma tremenda perda de tempo.

— O que? — Perguntei, me levando, coberto por vários hematomas em meu corpo pálido. Procurando a voz poderosa que ecoava como ondas do mar. — Quem está aí?

— Eu sou o deus dos mares, Poseidon. E não acredito que estou perdendo meu tempo com um mortal que se rende tão fácil a seres inferiores. Essa infantilidade incompreensível do ser humano me enoja. — Disse um homem alto, robusto, com olhos como mar revolto e vestes antigas. Sua expressão era notavelmente de nojo.

— Infantilidade? Olha eu não sei quem o senhor é, mas o senhor não entenderia o que eu passei...

— Um mortal, que perdeu um parente de sangue por negligência e mente para si mesmo em busca de ser “alguém melhor” e encaixar nessa sociedade podre? Não me faça rir com comentários desnecessários. Eu não estou com paciência para ouvir desabafos patéticos de um covarde.

Com o corpo fadigado, mas o ódio latente, investi meu punho cerrado contra ele. Porém foi segurado com facilidade. Sou arremessado contra a parede. A dor explodiu, sentindo meu corpo quebrar rapidamente pela pressão de sua grandiosa força incompreendida. Rindi debochadamente.

— Achou mesmo que venceria um deus? Já esqueceu quem eu sou?

— ... — Não consigo me mexer.

— Essa sua persistência é a única coisa interessante em você. Por isso, repensei minha escolha.

— Esco... Escolha? — Murmuro, cuspidando um pouco de sangue. tentando reerguer.

— Eu estava intrigado em certos humanos. Claro que eu não escolheria um mortal como você e sim, sua irmã, qual era o nome mesmo?

— Mariana...

— Ela era a escolhida perfeita. Valente, guerreira, confiável e ligada ao mar, mas aquele sorriso, aquela positividade, sua beleza... Ela me lembrava aquela maldita mulher. Claro que ao contrário daquela estúpida, continuava sendo uma imortal fraca que teve a audácia de me desafiar. Recusou meu poder e pagou por isso aquela vagabunda.

— Não fale dela assim...

— Uma mortal que se deitava com outros humanos, sentia desprezo pela sua semelhança com o pai... e mesmo assim você a idolatra? Realmente humanos são estúpidos, mas isso acabar agora.

Finalizando suas falas, meu corpo é arremessado ao mar. Mãos invisíveis me puxam para o fundo. Sinto como se toda água está sendo atraída pelo meu corpo, trazendo uma falta imensa de ar. Porém, enquanto tentava me debater em busca de oxigênio a voz de Poseidon ecoava: “Eu não vou aceitar mais recusas de seres insignificante. Não vou perder novamente pela minha sobrinha vadia. Agora, você terá o poder dos mares. Veremos se pode me surpreender com força de um deus.” Afundando, com o pulmão enchendo de água. Dispersando meus sentidos. Vagamente consigo enxergar aquelas mãos misteriosas. Abaixo de meus pés, vi várias jovens mulheres aquáticas com longos cabelos, corpo translúcidos, me arrastando. Suas unhas cravando em minha perna como garras. Até meu mundo se apagar por completo.

Acordo histericamente em meu quarto, suando frio, ofegante. Levanto-me da cama, porém sem nenhum resquício de dor e sem hematomas. Um sonho induzindo a dor e sofrimento misturando um mito em livros de história? Não, aquilo era real.

— Larga ele! — Gritou Sophia, acertando um chute certo que o arremessou a mais de 150 metros, libertando-o. — Ray você está bem?

— De onde aquele cara tira tanta força?

— Não se meta. Nessa luta.

— O quê? *Have you gone crazy, girl?*

— Você nunca vai conseguir derrotá-lo. Não estamos lidando com um garoto qualquer. Estamos diante de um guerreiro... Ares, o Deus da guerra.

— Tinha quer ser escolhida de Atena. É rápida no chute... Digo nos dois sentidos. *Che figata! Mas não vou pegar leve agora.*

— Fique perto do hotel. Quando eu der o sinal, corra até o meu quarto. E procure uma caneta dourada com inscrições em grego. — O rapaz se ajeita sacudindo o ombro, limpando a poeira de suas vestes e se preparando para o próximo impulso.

— Uma caneta? Espera... Você vai enfrentar aquele brutamontes sozinha?

— Escuta com atenção. Ele tem uma força e resistência absurdas. Sua velocidade não vai adiantar nesse momento. A não ser que você consiga acertar com um soco à velocidade do som.

— *Wait!* Como...? — As dúvidas de Ray foram interrompidas. Quando Sophia o empurra rapidamente para a colisão novamente. O choque do impacto soou como uma explosão, estilhaçando janelas ao redor. Ares atacava com brutalidade e prazer e Atena, por meio de Sophia, se mantinha firme na defensiva com sua sabedoria.

O pânico se espalhava pelas ruas. As pessoas fugiam, gritos cortavam ar. O rapaz sorri, instigado. Seus golpes vinham em sequência rapidamente. Direita, esquerda, esquerda direita, um após o outro. Socos poderosos atingiam Sophia com violência, espalhando sangue. Mesmo tentando bloquear, ela era dominada. Seu corpo já exibía hematomas arroxeados e feridas abertas. Porém, mesmo na desvantagem, Sophia analisava detalhadamente seus golpes reconhecendo-os como movimentos de boxe.

— Sophia! — Gritou Ray hesitante e eufórico.

— Esse é a força de Atena? Estou começando a sentir pena. — Zombou o rapaz.

Ela tenta revidar com um único soco, mas foi agarrada. Ele girou o corpo com força e a lançou contra uma mureta próxima. Sophia se ergueu segundos depois, com o braço sangrando e um olhar que transbordava fúria contida.

— Vai continuar na defensiva até quando? Tive que parar meus treinos por causa dessa força insuportável, e agora que encontro uma adversária resistente... não tenho uma luta de verdade?

Sophia apertou os punhos. Com um impulso forte, avançou, desferindo um combo preciso de três socos rápidos, um cruzado no queixo, um direto no estômago, e um uppercut que o fez dar dois passos para trás.

— Você quer força? Eu posso te dar força. — Disse ela entre os dentes.

O rapaz lambe o sangue que escorria do canto da boca e gargalhou.

— Aí sim... Um uppercut. Isso está ficando interessante.

Sem aviso, ele girou o corpo e usou uma rasteira, fazendo Sophia cair com força. Antes que pudesse se levantar, ele tentou pisar em seu peito com brutalidade, mas ela rolou para o lado, chutando a perna dele com força. Ao cambaleia pela força, Sophia aproveita para se erguer e atingi-lo com o ombro, lançando-o contra uma parede ao lado. Ao se levantar dos destroços rindo, levantando-se com um olhar insano.

— Tenho que admitir está sendo divertido, mas sabemos quem vai ganhar nessa luta. Desiste logo dessa loucura garota!

— Eu já disse: eu não sei o que você está falando. Fui escolhida por Atena para proteger o nosso lar, e vou lutar por ele. Ray!

— Tô indo! — Respondeu ele, desaparecendo num borrão correndo em alta velocidade para dentro do hotel.

— Eu não sei qual é o seu joguinho, garota, mas isso acaba agora.
Arrivederci, Ragazza.

O garoto avançou novamente com o seu último golpe. Carregado de toda sua força destrutiva. Porventura instantes antes do ataque, Ray rapidamente aparece ao lado de Sophia, entregando a caneta. Ao tocar em suas mãos, ela se transformou em um escudo reluzente.

— *Mio Dio!* — exclamou, antes que seu punho colidisse com o escudo. A colisão lançou uma onda de choque. Carros próximos freavam bruscamente, alarmes disparavam, pessoas gritavam e corriam. O som agudo do impacto ressoou como um sino de guerra. O rapaz foi lançado para longe, atravessando muros. Enquanto Sophia permaneceu firme, segurando Ray para que ele não fosse arrastado pela força do impacto.

— Merda! Que porra está acontecendo lá atrás? — Exclamou Nik, virando-se bruscamente ao ouvir os estrondos vindo da batalha de Sophia, mas logo voltou os olhos ao garoto que continuava no mesmo estado imóvel, murmurando as mesmas palavras repetidamente. — Hey garoto... estou aqui para te ajudar. Não temos tempo para isso.

Os murmúros cessaram. A leve vibração que percorria a areia parou. Um silêncio denso e estranho consumiu o ambiente. Então, o garoto se levantou, soltou risadas baixas e grave que começou a aumentar gradativamente, cobrindo parte do rosto com a mão. Um instante depois, o sorriso desapareceu tão rápido quanto surgiu:

— Ajudar? — Sua voz soou mais grave, como um eco vindo ao fundo do mar. — E quem disse que eu preciso da ajuda de um estranho?

— Calma, garoto. Você não pode ficar alterado assim... — Disse Nik, tentando encostando a mão no ombro, porém o gesto foi interrompido de forma brutal. O garoto agarrou seu braço firmemente com uma força absurda.

— Não encoste suas mãos imundas em mim! — Rosnou.

Rachaduras estalaram sob os pés de Nik. O chão vibrou violentamente. Ao redor, as ondas do mar começaram a agitar como se algo dentro dele respondesse à raiva do rapaz.

— Se acalma...

— Vai se foder! — Gritou o garoto. Seus olhos azuis cintilaram, brilhando como lâminas no escuro, transbordando de poder bruto. O punho que agarrava Nik começou a arder em vermelho pela pressão esmagadora.

— Me solta. — Rugiu Nik, com os músculos tensionados.

— Cala a boca, cala a boca, cala a boca, cala a boca, cala a boca, cala a boca, cala a boca... — O garoto murmurava freneticamente, sem encarar Nik. — Essas vozes de novo, não... Eu não posso, mas eu quero...

— Ele está relutante... — Sussurrou Nik, recuando após o garoto solta sua mão inconsciente. A vibração aumentava. As rachaduras se alastravam pela areia como raízes em crescimento acelerado. A respiração do garoto estava descompassada e seus olhos vibravam como faróis em mar revolto.

— Ei rapaz... Se acalma.

— Se afasta, eu não quero te machucar!

— Eu estou tentando te ajudar!

— EU JÁ DISSE: SE AFASTA! — A sua voz se alterou gravemente, reverberando como um rugido de uma fera. Os seus olhos se tornaram totalmente brancos. Ao gritar, o chão rachou em linha reta entre os dois, como um aviso. Nik se calou respeitando e recuando. Mas sabia que aquela bomba já tinha explodido.

Então um veio o grito.

Um grito severo gutural e primitivo. O chão tremeu. Um terremoto se espalhou em todas as direções, atingindo a região onde Sophia lutava contra o escolhido de Ares. O mar recuou... e depois avançou, em ondas monstruosas. Engolindo as pessoas.

— Droga... — Sussurrou Nik, se preparando para o pior.

A água que pairava entre as pernas do rapaz começou a girar em espiral, como se o próprio oceano estivesse se condensando ao redor de seu corpo. Os olhos dele estavam tomados pelo azul flamejante do poder de Poseidon.

— Por que ele tinha que escolher um moleque problemático? — Rosnou Nik retoricamente, se posicionando em defesa, mas foi atingido por um jato brutal de água que o lançou contra uma barraca de salva-vidas. Ainda se levantando, continuou: — Garoto, você é corajoso atacando o rei do Olimpo, mas eu não vou pegar leve só por ser escolhido por Posei...

PAF! Um soco direto rapidamente se apoderou de Nik, interrompendo suas palavras, jogando-o novamente ao chão. Nik cospe um pouco de sangue, atordoado.

— O que você pensa que está fa...?

Outro soco. E mais outro. O garoto avançava, em fúria, golpeando Nik com velocidade e força descomunais. Mas Nik revidou. Ele agarrou os punhos do garoto e concentrou uma corrente elétrica por seus braços, tentando atordoá-lo. Faíscas dançaram entre os dois corpos. Porém, o garoto percebendo as pequenas faíscas, reagiu. Com um giro brusco do braço, moldou uma corrente de água que o separou com violência, como um chicote líquido. Ele se lançou para trás, envolvido por uma espiral d'água.

— Acha que vai fugir de mim? — Gritou Nik, tentando recuperar o equilíbrio enquanto o terremoto aumentava. Os postes balançavam, alarmes disparavam. Pessoas gritavam e corriam em desespero. Ao longe, uma onda gigantesca crescia, ameaçando engolir a todos.

O rapaz, com o impulso impedido, foi envolvido pelo mar como se braços colossais se erguessem. A água o elevou até o topo da onda que se formava ao fundo, dando-lhe uma visão completa do caos que deixará para trás. Asfalto rachados, destruição pelos grandes terremotos. Uma bagunça.



— Conseguimos? — Perguntou Ray, ainda ao lado de Sophia, estático.

— Vocês dois juntos... ainda são só distrações. — Disse o garoto cuspidando no chão, com um sorriso selvagem crescendo no rosto. — Mas pelo menos estão tentando.

Ele se lançou novamente, olhos brilhando em luz cruel, o punho envolto por uma energia bruta e tremulante. Sophia ergueu o escudo, bloqueando o ataque com força, enquanto Ray surgia atrás dele com um chute na parte de trás do joelho. O golpe o desequilibrou, e Sophia não perdeu tempo: desferiu uma cotovelada certa no rosto do adversário. O rapaz cambaleou um pouco, mas reagiu com brutalidade. Girou o corpo e acertou um soco direto no peito de Ray, lançando-o contra uma parede. A pancada ecoou como um trovão seco.

— Ray! — Gritou Sophia antes de erguer o escudo para bloquear a sequência brutal de ataques que vinha em sua direção. Bloqueou o primeiro soco, girou o corpo para escapar do segundo e tentou contra-atacar com uma rasteira, mas o garoto era incansável. Cada golpe vinha com a fúria de um exército. Um ritmo furioso. O chão sob eles tremia, os vidros estouravam com as ondas de choque do confronto.

Sophia caiu de joelhos por um segundo, mas girou o escudo com força, empurrando o adversário para trás. Ele deslizou no asfalto, mas manteve o sorriso insano:

— Vocês acham que podem me parar? Eu sou a guerra em carne e osso!

Ray, ainda ofegante, vendo uma brecha, voltou ao combate. . Num piscar de olhos, cortou o ar como uma flecha e acertou um soco no rosto do inimigo, fazendo-o recuar cambaleando para o lado. Sophia aproveitou a abertura e desferiu uma joelhada no abdômen dele, que o fez cuspir sangue. Mas mesmo assim, ele não parava.

Foi nesse instante que um tremor profundo sacudiu o chão. A luta parou por um segundo:

— Um terremoto? Vocês são a causa disso! — Bufou o rapaz.

— Não somos seus inimigos. Acredite na gente. — Sophia insistiu. Tentando ganhar mais tempo, mas ele não quis ouvir.

Ele explodiu mais uma vez avançando-o, desta vez com um grito primal, como se quisesse afogar a própria dúvida. Sophia, observando a rachadura se abrir no solo, aproveitou a oportunidade. Saltou, erguendo o escudo. O soco do garoto passou por baixo e acertou em cheio a rachadura, prendendo seu punho na terra. E sem hesitar, Sophia desceu o escudo com força contra o ombro do garoto.

— *Non ci credo!* Como? — Ele rugiu, ajoelhado com o punho sangrando, tentando se soltar.

— Porque não é só força... É estratégia. — Respondeu ela, com a respiração ofegante.

— Acha que vai mesmo me prender aqui? Eu consigo facilmente com outro braço, idiota.

— Eu sei, mas agora temos coisas maiores para se preocupar. Isso é só para te deixar ocupado. Eu já disse: Nós não somos seus inimigos. E se ainda dúvida, veja por si mesmo. Ray por favor!

— *Leave it to me!* — Respondeu Ray, que rapidamente pegando Sophia no colo e correndo para a praia. Onde avistaram Nik ao lado de uma barraca de salvas aparentemente destruída.

Sophia atordoada e enjoada pela velocidade da viagem, se ajeita ao ser colocado no chão delicadamente. Ao erguer os olhos, viu a imensa onda se formando no horizonte.

— *Holy shit!* — Murmurou Ray, espantado diante do tamanho da ameaça.

— O que foi que você aprontou? — Perguntou Sophia, nervosa.

— Eu não tenho culpa se o nosso escolhido é uma bomba-relógio... Temos que pará-lo antes que...

— Pera antes que o quê?

— Então quer dizer que...

— Sim, ele está em busca do Tridente e se ele conseguir... com toda certeza vai ser bem pior que um simples tsunami.

— Tridente? Ele é o Aquaman agora?

— Não é hora de gracinhas Ray. Temos que pará-lo.

— Tenho uma ideia. — Uma luz surge na mão de Nik, enquanto se preparava para invocar um raio.

— Não! Olha a sua volta! — Alertou Sophia, apontando para as pessoas ainda fugindo em pânico da água. — Ainda tem gente fugindo da água. Se lançar

isso agora, qualquer um que estiver em contato com o mar será eletrocutado e pode acabar matando o garoto!

— Então o que é que vamos fazer?!

— Tenho que pensar...

Sophia analisava cada detalhe: os movimentos, abertura, possibilidade ara impedir o colapso total da praia de Santa Monica. Porventura seus pensamentos foram interrompidos por gritos desesperados. Ela virou o rosto a tempo de ver o famoso Píer de Santa Monica em caos. Parece está desmoronando. Ray não hesitou. Saiu correndo, desaparecendo em meio ao caos. Mas não foi o único a agir. Entre os destroços, uma senhora de aparência simples, com o uniforme desalinhado e molhado, arrastava-se pela areia, segurando um pequeno colar nas mãos trêmulas. Lágrimas escorriam por seu rosto:

— Filho... — Um suspiro sobressaiu no sussurro da senhora, com a voz embargada.

Os dois viraram imediatamente, surpresos. Os olhos de Sophia arregalaram:

— O que a senhora disse?

— Meu filho... Salvem o meu filho! — Implorou, estendendo o colar nas mãos de Nik.

— Sophia... temos um problema. — Disse Nik, o topo da onda onde, em meio à espuma agitada, o rapaz agora estendia a mão para o Tridente.

— Eu não vou deixar! — Rosnou Sophia, posicionando-se como em um arremesso de disco. Seus olhos brilharam intensamente por um segundo antes que ela lançasse seu escudo com toda a força de Atena.

O escudo cortou o ar como um cometa dourado e acertou em cheio a mão do garoto no exato momento em que ele tocava o Tridente. O impacto o fez recuar, e seus olhos se voltaram para eles furiosos, como o próprio oceano em fúria.

Sophia recuou, se unindo a Nik em posição de defesa. Agora havia uma linha direta entre o rapaz e a figura que se ajoelhava mais à frente, na beira da praia.

Sua mãe.

Ela chorava, gritando o nome do filho.

— Mãe? — Suas palavras saem com dificuldade, como se fosse puxado para trás por uma força invisível. A confusão e o desespero se estampavam em seu rosto. Então veio o grito. Não um qualquer, um grito rasgado, bruto, que parecia surgir do fundo do oceano.

Do mar, dois jatos imensos de água ergueram-se como tentáculos, serpenteando e colapsando na direção da mulher e de Nik. Sem hesitar, Sophia correu, posicionando-se entre a senhora e o ataque, escudo em mãos. O jato caiu como uma parede líquida sobre ela, engolindo-a inteira. A pressão era sufocante, prendendo-a como se fosse concreto. Ainda assim, permaneceu firme, os pés cravados na areia, resistindo enquanto prendia a respiração. Nik desviava do segundo jato com precisão, mas estava ficando sem tempo. A onda ainda crescia, e o garoto, agora dividido entre o poder e o trauma, tremia ao ver sua mãe naquela situação.



Uma poeira escaldante se erguia conforme Ray corria sobre a areia em direção ao famoso Píer de Santa Mônica, agora tomado por uma visão de aflição. Era quase um milagre estrutura ainda estar inteira, mesmo com o terremoto que atormentava o local ou pelo menos por enquanto. Gritos de socorro ecoavam de vários pontos do parque, e Ray não perde tempo. Correu para socorrer todos ao seu redor.

Aqueles que eram carregados por seus braços passavam por uma experiência breve e inesperada. Ao serem deixados na calçada principal, próximos à praia, muitos moradores e visitantes sentiam náuseas, tontura e até vomitavam, devido à velocidade absurda com que haviam sido retirados da zona de risco. Ray, por sua vez, permanecia tranquilo, embora sua imagem fosse apenas um borrão aos olhos comuns. Cada movimento rápido impulsionado pelos gritos desesperados.

CRACK! Um som seco de estalo rasgou o ar, acompanhado por gritos. Ray parou por um instante, virando o olhar para a origem do som: a atração mais icônica do parque: a Roda-Gigante. Com 26 metros de altura, a gigantesca estrutura circular pairava precariamente sobre o velho píer de madeira, como se quisesse observar o caos da costa antes de tombar. Mas sua imponente agora tremia. Lá no alto, em três cabines ainda abertas, silhuetas humanas se movimentavam, apavoradas, buscando ajuda. A inclinação brusca tornava impossível qualquer saída.

— Não se mexam! Vou tirar vocês daí! — calculando uma forma de alcançar o topo, mas os estalos aumentavam. Cada vibração da madeira indicava que o fim podia estar a segundos de distância. Foi quando passos ecoaram com força no meio do tremor. Ray se virou, e seu rosto se fechou em uma mistura de surpresa e tensão. — *Oh, man. Don't you give up?*

O garoto, aquele mesmo, apenas sorriu de forma esnobe enquanto ajeitava suas vestes com calma.

— *Mi dispiace signore*, mas eu nunca fui bom em inglês.

— AAAHHHH! — Gritos estenderam tomaram o ar, quando o lado esquerdo do píer começou a ruir, fazendo a roda-gigante se inclinar perigosamente para o mar. Ray congelou por um segundo, pensando em alternativas. Mas a força de Ares não vacilou. O rapaz avançou e segurou a base da roda com seus próprios braços, parando sua queda com força sobre-humana:

— *Ragazzino!* Dá para dar uma forcinha aqui?! — Disse o rapaz, lutando contra o peso imenso. Ray olhou ao redor, notando o quanto a situação era delicada. O chão sob o garoto já começava a ceder.

— Força não é comigo, *bro*, mas velocidade? Isso eu domino. — Num instante, Ray escalou a roda inclinada. Rapidamente, começou a retirar os passageiros — adultos em pânico, crianças agarradas aos bancos. Um a um, ele os levava para o solo firme. Porém...

— Mamãe! — Uma voz aguda de uma criança escondida soou no topo. O tremor se tornou mais forte. Ela escorregou, e seu pequenos dedos seguravam com desespero o último apoio da cabina

— Como ela chegou lá em cima?! — Perguntou Ray tentando alcançá-la, mas foi impedido por outro tremor que sacudiu a estrutura inteira.

— *Bambina*, feche os olhos e segura o mais forte que puder! Ok? não se desespere! Garoto! — Chamou o rapaz, mesmo enquanto lutava para manter a estrutura de pé. Ray se virou atentamente para ele, mesmo com dificuldade do tremor — Já fez o bastante. Não se aproxime mais.

— *Wait, what?!* O que você vai fazer? Eu con...

— Você vai acabar morrendo de forma heroica. E não precisa me provar mais nada.

— *What?* Hey, espere!

A garota gritou. Seus dedos se soltaram um a um, até sentir a gravidade a puxar para baixo. O rapaz soltou a roda-gigante e, com um impulso feroz, saltou no ar, mergulhando na queda livre em direção à menina. Ray tentou usar sua velocidade, mas o desabamento repentino do píer o impediu. A poeira se elevou em nuvens grossas. Por segundos, nada era visível. O terremoto cessou. Ray correu até a beira da praia, onde os destroços se amontoavam. Subiu, vasculhando entre os entulhos, ouvindo o choro de uma mulher desesperada que tropeçava pela areia. Até escutar um som. Um estrondo abafado, como uma pequena explosão, ergueu

os destroços em todas as direções. Do meio dos escombros, ele surgiu. O rapaz misterioso, com as costas das vestes rasgadas e empoeiradas..., mas com a garota viva em seus braços.:

— Minha filha! — Gritou a mulher, correndo e se ajoelhando, recebendo a menina nos braços.

— Mamãe!

Um reencontro belo de mãe e filha à beira-mar. com um abraço carinhoso, aqueceu os corações dos dois rapazes que lutaram bravamente. Ray, ao lado do rapaz, observava em silêncio, aliviado:

— Por que você fez tudo isso? Achei que quisesse nos matar? — Perguntou Ray, ainda tentando entender.

— Eu tenho assuntos com a escolhida de Atena não com você, mas... depois de ver sua bondade e desespero, talvez... eu tenha me equivocado.

— Talvez? *Really?*

— Sei un ragazzo molto divertente! Mesmo sendo o próximo a morrer. — Riu o rapaz passando o braço por cima do ombro de Ray, entre o humor e a seriedade.

— O quê? — Ray engoliu seco, seguindo o olhar do rapaz para o horizonte. Ali, emoldurada pelo céu escurecido, uma **onda colossal** se formava, aproximando-se com fúria.

— Relaxa... A nossa menina de Atena vai dar um jeito nessa bagunça. Se não... é bom se preparar para nadar.



O garoto permanecia parado, trêmulo, com os olhos fixos naquela mulher ajoelhada. A raiva em seus olhos começava a vacilar, substituída por uma dúvida que rasgava seu peito. O tridente brilhava ao seu lado, pulsando com a energia de Poseidon, mas ele já não tinha certeza se deveria tocá-lo novamente.

— Mãe...? — Repetiu, a voz quase irreconhecível, como a de uma criança perdida.

As ondas ainda rugiam, os jatos se contorciam, mas Sophia permanecia imóvel, presa sob a muralha líquida. Seus joelhos tremiam, seus braços lutavam contra a força esmagadora da água, mas ela não cedia. Não podia.

Longe do local, ainda era possível ouvir os estalos e o desmoronamento do grande Píer de Santa Mônica — antes tão alegre e vibrante, agora tomado pelo caos. Nik desviava com precisão de mais um ataque que cortava o ar em sua direção. Eram rápidos, mas não o suficiente para atingir o escolhido de Zeus. Ele se movia com leveza, quase com divertimento, como se estivesse apenas treinando reflexos. Contudo, Sophia lutava com dificuldade contra uma correnteza brutal, tentando resistir à pressão avassaladora que a esmagava. Nik voltou o olhar para ela por um breve momento. Agora, já se encontrava agachava ainda resistindo firmemente.

Com um suspiro determinado, Nik ergueu a mão e gritou:

— É isso que está procurando? — No mesmo instante, os jatos de água cessaram abruptamente. Sophia caiu na areia úmida, tossindo violentamente com o corpo exausto pela quantidade de água que havia engolido. O rapaz ficou parado, respirando com dificuldade, apenas observando.

Aos olhos humanos, o que Nik segurava era invisível à distância — mas para os olhos de um deus e o coração aflito, era impossível não reconhecer o colar brilhante. Seus lábios tremularam, os olhos voltaram ao normal... e a onda gigantesca que ameaçava a todos permaneceu suspensa, como se aguardasse uma ordem para engolir o mundo. Os que estavam à beira do mar assistiam, pasmos. Aquilo não era natural.

— Então toma! — Gritou Nik, lançando com força o colar que desapareceu ao ser engolido pela onda.

Um grito de negação explodiu da garganta de Kai, que tentou agarrar o objeto no ar, mas era tarde demais. Ele olhou para a praia com o tempo parando ao seu redor. Seu corpo desabou junto com a onda, que perdeu a força e se desfez, voltando ao mar normal.

— Kai! — Gritou a mulher ajoelhada na areia, desabando em prantos ao ver seu filho sumir entre as profundezas do mar.

Sophia se levantou cambaleando, seus olhos ainda atentos ao horizonte, tentando identificar qualquer nova ameaça. Um borrão se aproximou com rastros velozes sobre a areia.

— Vocês conseguiram! *We totally slayed!* — Gritou Ray, animado depositando ao chão um rapaz ainda atordoado.

— Espera, você aqui? — Disse Sophia assumindo uma postura defensiva ao encarar o rapaz, que virou de costas e ergueu uma mão, pedindo um minuto.

— Quem é o garoto? — Perguntou Nik, se aproximando.

— Eu também quero saber. — Disse Sophia, ainda alerta.

— Calma aí, escolhida de Atena. Talvez eu tenha me equivocado um pouco.

— Um pouco?! Você viu o estrago que fez lá atrás?

— Então era isso a bagunça. — Refletiu Nik.

— Graças ao seu amigo alado aí, percebi que posso dar uma chance de ouvir vocês. Afinal, salvaram Santa Mônica. — Disse o rapaz, apontando com o queixo para Ray.

— *My princess*. Ele acabou me ajudando no parque com os moradores.

— Verdade? — Sophia pergunta, visivelmente surpresa.

— Deixa me apresentar, meu nome é Marcos sou escolhido de Ares o deus da Guerra e vim da Itália até aqui, porque me disseram que vocês são a causa da destruição da humanidade.

— Pera, o que? — Perguntou Ray confuso.

— Você é surdo, *ragazzo*?

— Calma aí. — Sophia cortou, firme. — Quem te enviou a vir aqui atrás da gente?

— Eu recebi uma visão dos deuses para vir aqui e destruí-los. Não lembro exatamente de quem. Eu estava dormindo quando aconteceu. — Sophia ficou pensativa.

— Ou, ou, ou. *Why a minute!* — Ray ergueu as mãos. — Está dizendo que nos atacou porque sonhou com a gente?

— Se acalma, Ray. Garoto, tem certeza disso?

— Pelo jeito você também pegou a situação. — Nik cruzou os braços e encarou Sophia com um olhar que dizia: “Ele está dizendo a verdade”.

— Por que estão olhando com essa cara? Não tem o porquê de eu mentir. Mas... se vão acreditar ou não, é com vocês. Só acho que deviam se preocupar com outra coisa. — Respondeu Marcos apontando para o mar. Algo flutuava e se aproximava da costa.

A mulher que antes chorava de joelhos, correu em direção à água. Entre as ondas brandas, estava o corpo inconsciente do garoto com o poder de Poseidon junto ao seu tridente e o escudo de Atena pairando na beira da praia como relíquias devolvidas pelo próprio mar.

— Meu filho. — Disse ela, caindo ao lado dele. Sophia se apressa ao corpo e checkou seu pulso.

— Ele só está desacordado.

— Ele tem o poder de Poseidon. Morrer no mar seria uma ofensa para aquele deus orgulhoso. — Comentou Nik, aliviado.

— Me ajudem a levá-lo para casa por favor! — Disse a senhora com a voz fraca, mas cheia de esperança.

Sem hesitar, os jovens a seguiram até um pequeno chalé isolado do outro lado da praia. Marcos o carregou nos braços com cuidado e o deitou em um quarto modesto. Ray explorava com os olhos cada canto da casa, curioso. Nik e Sophia se acomodaram ao lado da senhora, que agradecia ansiosa, oferecendo café.

— Muito obrigada, por terem salvado a vida de meu filho.

— Desculpa o incômodo. Se tivéssemos chegado antes, talvez o caos não tivesse tomado conta da cidade. Senhora...

— Cordélia. Mas eu não posso culpá-los. Eu... não sabia que a maldição dos mares havia chegado tão longe.

— Maldição dos mares? Pode contar um pouco mais sobre? — perguntou Nik, curioso. Ray e Marcos se juntaram, atentos.

— Esse foi um castigo que o deus dos mares lançou sobre mim... pela minha filha. Como pode ver, somos uma família humilde. Passamos por muitos problemas desde que meu marido nos deixou. Kai era uma criança... mal lembra do pai, mas... é a cara dele... — Parou por um momento hesitando com a voz trêmula, antes de continuar. — Eu falhei como mãe. Fui fraca. Não aguentei a separação e me deixei cegar. Deixando meus filhos sozinhos... Amadurecendo em meio as sombras dos meus pecados. A maldição... Se eu tivesse lutado contra a bebida... Se eu tivesse comemorado o aniversário do meu filho... Minha filha estaria...

Cordélia começa a chorar. Sophia se aproximou, segurando suas mãos geladas para confortá-la, e Ray rapidamente lhe entrega um lenço.

— Obrigada... — Murmurou ela. — Faz exatamente 06 anos desde que minha filha Mariana morreu. Bem no aniversário do Kai. E durante todos esses anos de culpa. Nunca parei para pensar no estado em que meu filho estava passando. Eu apenas... ignorava seus machucados. E depois de um tempo... Ele mesmo parou de me contar seus problemas. Se distanciamos. Todas as madrugadas ele gritava, se contorcendo na cama encharcada... e janela sempre aberta. Por mais que eu ignorava teve uma única vez...

— O quê? — Perguntou Sophia.

— Eu vi. Vi com meus próprios olhos. A maldição do deus dos mares... Não era suor que molhava sua cama todas as manhãs. Era a água do mar... que entrava pela janela e ia direto para a boca do meu filho. Eu fiquei paralisada. Achei que poderia ser uma benção, já que ele sempre voltava da escola machucado e essa água milagrosamente o curava. Mas também o tornava mais agressivo. Achei que era os remédios..., mas não. Tudo isso é tudo culpa minha. Eu que afastei meu marido. Eu que matei minha filha. E agora... eu quase matei o meu filho de novo. Eu... sou uma inútil. — Ela apertou os olhos, sufocada pelo arrependimento. — Eu sou uma mãe inútil...

— Não, mãe... a culpa é minha. — Disse uma voz trêmula atrás deles. Todos se viraram. Kai estava de pé, apoiado na parede, com lágrimas nos olhos.

— Kai?

— Eu nem deveria estar aqui... Só causei problemas para todos. Quase matei todo mundo hoje. Foi por minha causa que minha irmã morreu. Foi por minha causa que quase destruí tudo e todos e é por minha causa que a senhora continua desse jeito. Sofrendo.

— Filho, não...

— Olha para mim, mãe! Eu sou um monstro que só traz destruição! Um desastre ambulante! E vocês todos vocês sabem disso... Mesmo que neguem, eu vejo nos olhos da senhora — a dor de me olhar e lembrar dele! Me desculpa... — Ele gritou, chorando, e correndo para fora da casa.

Os rapazes ficaram aflitos e preocupados, mas Sophia se levantou e advertiu com firmeza:

— Não se preocupem. Eu vou falar com ele.

Na beira do mar, Kai estava sentado, seus olhos presos no oceano. Nas mãos, segurava com tristeza o colar de sua irmã:

— Posso? — Perguntou Sophia, sentando-se ao seu lado. Kai não respondeu de imediato, apenas manteve o olhar fixo no mar

— Eu a vi na praia. Ela estava linda... com aquele vestido branco dançando pela brisa. Mesmo no meio da tempestade que eu estava causando... Ela sorria. Aquele mesmo sorriso... Não consegui ouvir sua voz, mas vi seus lábios se moverem e conseguir entender.

— E o que ela disse? — Perguntou Sophia, com um tom gentil, assentando ao seu lado.

— “Sorria, sempre irmão.” — Disse Kai, com a voz embargada. — Quando caí no mar, a água parecia quente. E por um momento... eu só queria afundava

rapidamente. E morrer, mas ela estava lá. Mesmo vendo o monstro que eu me tornei. Ela ainda sorri. — Sophia sorri com tristeza. — Foi então que, lá no fundo, aquelas mulheres voltaram. Elas estavam tristes, mas... sorrindo também. Uma delas me entregou o colar. Encostou a mão no meu peito... e depois me abraçou forte.

— Deve ter sido as Nereidas ou as Oceânides.

— Nereidas?

— As famosas ninfas do mar. Filhas dos deuses Nereu e Doris. Espíritos bondosos que protegem os mares, rios, oceanos... e, às vezes, os humanos também. Talvez elas estivessem dizendo que você não está sozinho. Assim como sua irmã quis passar naquele momento.

— Elas não sabem o que eu passei...

— Não. Ninguém sabe. Nem mesmo sua mãe. Mas isso não quer dizer que tenha que guardar toda essa dor sozinho. — Sophia se levanta olhando para o horizonte. — Você é livre para crescer... e de viver como quiser. Não precisa se culpar o tempo todo. Nem precisa carregar o mundo nas costas. Ninguém é de ferro. Nem mesmo nós, escolhidos por deuses.

Kai ficou em silêncio por um momento, tocando o colar com delicadeza:

— Por que está dizendo tudo isso... para uma pessoa que nem conhece?

— Porque eu gostaria de ter a oportunidade de conhecer você. — Sophia sorri fixando seus olhos pro Kai. — Eu infelizmente não fui privilegiada com irmãos..., mas tenho certeza de que você viveu momentos únicos com a sua irmã. Se orgulhe disso. Sua irmã sente orgulho de você, disso eu tenho certeza. E tudo pode melhorar... com um passo de cada vez. Só precisa saber qual passo dar primeiro.

Os olhos de Kai se iluminam diante suas palavras com uma emoção estranha que aperta o seu coração: Uma mistura de dor, esperança e nostalgia. Ele apertou o colar com força contra o peito, sorrindo entre lágrimas, enquanto Sophia se afastava para sua casa. Sentiu, por um instante, como se estivesse de volta ao passado. Aos dias coloridos ao lado de Mariana. As palavras de Sophia... ecoavam como antigas promessas da irmã. Palavras que doíam profundamente, mas que ao mesmo tempo aqueciam o seu coração.

Kai permaneceu por um tempo olhando o horizonte. O mar estava calmo pela primeira vez em anos, ele não parecia gritar dentro dele. Havia algo diferente naquele silêncio. Não era vazio... era paz. Esperança. Como se a maré levasse seus pensamentos para longe, trazendo uma lembrança guardada em um baú lacrado que finalmente se abriu:

— O que eu faria sem você, Mari? Pela mamãe... não é?



— Sorria, tudo vai melhorar! — Disse Mariana, com a voz doce e esperançosa, mesmo diante do irmão chorando no travesseiro.

— Mentira... Você sempre fala isso. — Murmurou Kai, a voz abafada pelo cobertor, o rosto enfiado no travesseiro molhado pelas lágrimas. Mariana se sentou ao lado dele e bagunçou carinhosamente seus cabelos. Estava com o uniforme escolar ainda, as mechas onduladas desajeitado, com cheiro de praia e sabão.

— Ei sou sua irmãzona e sou a grande sábia dos mares. Acha mesmo que eu mentiria pro meu leal cavaleiro? — Disse ela, encenando uma pose exagerada de heroína.

— Você só tem 13 anos irmã... Todo mundo fala que você é uma mentirosa. Você é a mamãe... Eu sou um monstro. Um monstro feio que machuca as pessoas, perdido na maré... — Disse soluçando com os olhos marejados para sua irmã. Mariana apenas suspirou e deu um peteleco em sua testa.

— Ai! — Reclamou Kai.

— Bobo. Por que você bateu naquele menino mesmo?

— Porquê... eles tavam rindo de uma menina da outra sala. Empurraram ela... ela caiu. Tavam zoando porque ela era gordinha...

— Então, você é um super-herói. E daí que o valentão foi parar no hospital? Você salvou alguém que estava pedindo ajuda. Isso é coragem. — Disse Mariana com um sorriso animado.

— Mas...

— Kai, escuta. O mar também assusta às vezes. Mas ele protege. Tem ondas que parecem pequenas, fraquinhas, mas quando elas vão lá pro fundo... voltam enormes e cheias de força. O papai dizia que é só conhecendo a água que a gente entende o quanto ela é forte.

— Irmã, você lembra do papai? — Perguntou baixinho, enxugando suas lágrimas com as costas das mãos.

— Lembro sim... o papai... — Hesitou um pouco, mas o abraçou. — Era como um gato preguiçoso.

— Um gato?

— É! Era bonito, fazia o que queria, não ligava se os outros achavam ruim. Dormia quando queria, sumia quando queria... — Disse ela com um meio sorriso triste.

— Por isso que a mamãe fica triste?

— É... mas mesmo sendo assim, às vezes ele era um herói pra gente. Ele levava a gente para ver o mar. Mas você era um bebezinho, nem deve lembrar.

— Ele vai voltar?

Mariana hesitou por alguns segundos. Olhou para o teto, como se procurasse uma resposta no balanço do ventilador antigo, depois voltou a encarar o irmão com firmeza, mas sem tirar a doçura da voz.

— Eu não sei, Kai... mas se ele não voltar, então a gente vai ter que ser os heróis da mamãe. Juntos. Tá bom? — Kai assente com a cabeça bem devagar.

— Então vamos sorrir para ela. Mesmo quando doer. Pela mamãe?

— Pela mamãe. — respondeu Kai, com a voz ainda fraca, mas tentando sorrir.

Mariana apertou mais forte o abraço e sussurrou:

— Eu sempre vou estar aqui, tá? Pra te lembrar disso.



Entrando em casa, Sophia observa o silêncio na casa. Cordélia e Marco não estava mais na sala. Apenas Ray e Nik sentados com olhares de preocupação:

— Cadê a senhora Cordélia? — Perguntou Sophia um pouco preocupada.

— A moça foi para o quarto arrumar as malas, completamente do nada... *Crazy, right? And the water boy?*

— Não se preocupe com ele.

— Tinha que ser a escolhida de Atena. Sua sabedoria é incrível pra convencer o garoto, não? — Afirmou com um sorriso Nik.

— Errado. Eu só fui verdadeira. Não preciso sempre de um poder de um deus para ajudar alguém. Na realidade, o certo é não dependermos demais dos nossos deuses.

— Como assim, *my princess?*

— Nada demais... É só um pensamento inacabado. Só não podemos esquecer que somos humanos acima de tudo. — Nik ficou sério desconfiável pelas suas palavras duvidosas, mas bufou satisfeito.

— Para quê ficar se preocupando com coisas que não tem certeza? Melhor pensar no agora.

— Tem certeza, *ragazza*? — Perguntou Marco com preocupação para Cordélia interrompendo a conversa. Ela levava duas malas consigo levando-os até a sala com dificuldade, mas com convicção.

— Eu preciso fazer isso. Eu...

As palavras de Cordélia foram interrompidas com o ressoar da porta. Seus passos firmes, mesmo sentindo o peso das emoções. Cordélia em um salto com os olhos marejados correu até ele:

— Filho... me desculpa. — Sussurrou ela, com a voz embargada. — Por tudo.

Kai hesitou por um momento, mas então a abraçou forte, sentindo os braços frágeis da mãe ao redor de seu corpo. Um abraço que demorou anos para acontecer.

— Eu também sinto muito, mãe. — Os dois ficaram assim por alguns segundos até perceber as malas expostas na sala. — Mãe, o que são essas malas.

— Filho eu causei muitos problemas e eu já me decidi. Vou ir para um centro de reabilitação.

— Mas mãe...

— Você recebeu um dom especial e sei que essas pessoas vão te ajudar. — Cordélia olhou vagamente para a Sophia que logo retribuiu com um leve sorriso, se aproximando:

— Kai, você não é obrigado a nada, mas será bem-vindo.

— Vocês têm certeza de que vão aceitar alguém como eu no grupo de vocês?

— Claro que sim, não é rapazes?

— Se *my princess* está dizendo. *So... welcome to the team, water boy!* — Disse Ray animado.

— Escolhido de Poseidon... Com certeza pode entrar. — Afirmou Nik, curioso.

— Va bene, eu to nesse grupo mesmo... — Disse Marco dando uma piscadela alegre. — *Ragazzo*, não sei como vai nossa jornada, mas como *la mia famiglia* dizia "*Benvenuti fratello!*"

— Quem disse que você faz parte do grupo? — Disse Sophia desconfiada. — Ainda temos algumas coisas para discutir e uma delas é você Marco.

— Olha, eu disse que queria destruir vocês... Mas talvez esteja na hora de achar novos aliados. — Marcos sorriu de canto. — A guerra está vindo. E eu não sou burro de lutar sozinho.

— Guerra? — Kai e Ray perguntaram, franzindo a testa.

Nik respirou fundo e caminhou até ele:

— Sim, que talvez acabe com toda a humanidade. — Respondeu Nik sério. — Precisamos de você irmão.

— Precisam de mim?

— Não é mais sobre o que você passou, Kai. É sobre o que está por vir — disse Nik. — Os deuses estão agitados. Alguma coisa está rompendo o equilíbrio entre os mundos. E se há uma chance de salvar tudo isso... ela está em nós.

Kai olhou para todos ali: Sophia, firme com um sorriso alegre; Nik, rebelde um pouco sério, mas com um sorriso de canto; Ray, confuso, mas empolgado; Marcos, com um olhar curioso sorridente. E sua mãe, finalmente ali ao seu lado... viva, afirmando com a cabeça.

— Eu... não sei se estou pronto.

— Ninguém está. — Respondeu Sophia. — Mas vamos com você. Um passo de cada vez. Lembra?

Kai respirou fundo. Seu coração batia forte, mas não por medo. Pela primeira vez, sentia-se parte de algo maior do que ele. Algo que podia finalmente dar sentido à sua dor.

— Então... por onde começamos?

Nik sorriu.

— Descansando. Porque temos uma longa viagem para fazer.

— Longa? Para onde dessa vez? — Perguntou Sophia, cruzando os braços.

— Vamos para um país quente e animado. O país que me deixa entusiasmado para conhecer... O famoso Brasil.

— Bem, primeiro a gente devia se apresentar para o nosso novo integrante não? Sabemos tudo ao seu respeito, mas nem sabe nada sobre a gente, não é, Kai? — Disse Sofia, olhando para ele, que mantinha a postura confiante, mas os olhos revelavam dúvida. — Eu sou a Sophia Andersson, e fui escolhida pela deusa Atena.

— *My bro, my name is Ray Oliveira*, e fui escolhido pelo deus mais rápido do mundo! — Disse Ray, animado como sempre.

— *Mi chiamo* Marcos Lívio e sou de Ares. Nada de mais. — Disse ele de forma seca com um sorriso, arrancando olhares curiosos. Por fim, todos voltaram-se para Nik, esperando alguma resposta.

— Nikolaos, mas pode chamar de Nik. Fui escolhido pelo deus mais forte do Olimpo: Zeus. Um prazer irmão.



— Que inútil. Por que me impediu? Eu acabaria com eles rapidamente! — Resmungou uma figura mascarada, irritada, na praia deserta. Os destroços do grande píer cobriam a areia sob uma névoa espessa e estranha. À sua frente, outra figura cantarolava, parecendo ignorá-lo completamente. — Ei! está me ouvindo, sua...

— Prontinho. Isso está uma obra de arte, hi, hi.

— Acha mesmo que isso é arte? Com esses corpos que logo vão feder como um lixo deplorável?

Rapidamente a figura se virou com um movimento brusco, jogando o corpo para trás. Seu capuz caiu, revelando uma mulher pálida, de cabelos castanho-alaranjados curtos, com olhos de heterocromia: um azul claro, outro castanho-amarelado:

— Hein?

Num piscar de olhos, ela desapareceu e surgiu atrás dele, enfiando uma faca no lado esquerdo do pescoço. O mascarado caiu de joelhos na areia, agonizando, enquanto ela continuava a golpeá-lo. Uma, duas, três vezes... rindo histericamente:

— Como você pode falar isso? Você nem conhece a verdadeira arte, e mesmo assim, está contradizendo minhas palavras? Por quê? Por quê? Responda! Há, há, há!

No seu décimo quarto golpe, o seu sorriso sumiu, substituído por um tédio profundo:

— Se fosse o seu corpo de verdade seria mais engraçado...

— Pelo menos te convenci. Esse era o meu objetivo.... Embora não esperasse que você fosse tão longe. Precisa controlar seus impulsos... especialmente com aliados. — Disse o mascarado reaparecendo no meio da névoa. O sangue, o corpo, tudo havia desaparecido.

— Blá, blá, blá... Você fala demais pra uma nuvem de fumaça. Acha mesmo que eu atacaria um aliado? Só mesmo uma louca faria isso. Ops, sou eu mesma. — Deu risadas baixas e logo parou, mudando o tom: — Eu sou louca, não burra... Eu sabia que você fugiria de um ataque fraco como esse.

— Tem razão...

— Eu sei que se você estivesse lá, teria causado uma destruição linda com um tsunami catastrófico. Mas aí não teria graça. Como posso criar uma obra maravilhosa com o vermelho vivo do sangue... se ele for levado pela água do mar? Quero ver a dor. O medo. A agonia. Quero sentir os órgãos quentinhos se desfazendo em minhas mãos, com os olhos de alguém implorando para viver. Quero sentir esse prazer guiado pelos meus olhinhos lindos. — Apontou para os seus olhos com um olhar malicioso. — Se tudo acabasse tão rápido... os leitores não aproveitariam o caos.

— Os leitores que estão lendo essa história...? Não sei o que é pior: sua lógica distorcida ou esse público imaginário. E agora? O que vamos fazer?

— Os doze deuses do Olimpo querem se reunir... acho que nós também podemos montar o nosso grupinho. E lançar uns presentinhos... para o Nosso grande encontro. — disse ela, sorrindo e erguendo os braços. — Nada como um bom suspense com os personagens mais carismáticos dessa história mitológica.

— Achei que, na sua loucura, nós eramos os protagonistas.

— A maioria prefere ver os heróis. Mas ainda tem muito por vir: discórdia, falsidade, amor... e muito mais. Os heróis ainda têm muito o que mostrar... até chegar a nossa vez. Vamos achar mais amiguinhos. E umas armas novas também, tudo bem?

— E essa “arte” ... é um dos seus presentinhos?

— Não vamos estragar a surpresa. Deixemos para o próximo capítulo, vamos? Os outros devem estar preocupados. — Finalizou ela, colocando novamente o capuz e desaparecendo aos pulos na névoa, junto ao rapaz.

O vento soprava forte, levando consigo a névoa espessa que encobria os destroços. Restava apenas o som das ondas quebrando na praia, como um prelúdio silencioso do caos que estava por vir.